

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## **MAL-ESTAR DOCENTE: UM ESTUDO ACERCA DO SOFRIMENTO DOS EDUCADORES<sup>1</sup>**

### **TEACHER MALAISE: A STUDY ABOUT EDUCATORS' SUFFERING**

**Emanuel dos Santos<sup>2</sup>, José Pedro Boufleuer<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa realizado no Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí vinculado ao projeto: Razão Comunicativa e Educação: o Ensinar e o Aprender em Perspectiva Pós-Metafísica.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Psicologia da Unijuí e Bolsista de Iniciação Científica - PROBIC/FAPERGS - no período de julho/2019 a julho/2020. E-mail: emanueldossantos97@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor Doutor do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí, orientador. E-mail: jospebou@unijui.edu.br

## **INTRODUÇÃO**

O enigma que nos moveu a produzir este trabalho diz respeito ao mal-estar dos sujeitos que ocupam o lugar de profissionais da educação. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar o descontentamento docente levando em conta o contexto civilizatório e os seus efeitos nos indivíduos. É bastante comum observar que os educadores manifestam sentimentos de insatisfação e abandono no que se refere ao espaço de trabalho. Desse modo, cabe o questionamento: afinal, qual o efeito do mal-estar no sujeito-docente?

Palavras-chave: Docentes, educação, mal-estar

Keywords: Teachers, education, malaise

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho é a da investigação bibliográfica. Assim, somos sustentados pela teoria psicanalítica e de Mario Osorio Marques O processo se deu pela leitura, discussão, entendimento e contextualização.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A condição de se tornar humano não é algo que acontece naturalmente. Nesse sentido, sabemos que são muitas as abordagens que refletem sobre o motivo pelo qual o ser humano se afasta ou anula o caráter animal do da existência. Para a psicanálise, essa distinção se dá pela capacidade linguística que insere o indivíduo na vida humana. A linguagem se estrutura como um conjunto de propriedades que permite que possamos nos comunicar e aprender com nossos semelhantes através de articulações simbólicas, uso de signos e metáforas. Dessa maneira, desde o nascimento o indivíduo é acolhido por outros humanos já inseridos no mundo da vida. Assim, é familiarizado e educado conforme os valores socioculturais do lugar em que está situado, não precisando começar da estaca zero.

Como mencionado anteriormente, pela ação da cadeia linguística somos inseridos no contexto da vida organizada em civilidade e podemos vivenciar nossa existência através de inúmeras possibilidades. Portanto, contemplar a vida é uma condição exclusivamente humana. Sigmund Freud, em seu texto 'O Mal-Estar na Civilização' (1930), aborda o mal-estar humano perante a

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

existência em civilidade. Para o autor citado, o mal-estar é o resultado da sublimação de energias primitivas e destrutivas para atividades moralmente aceitas. Em suma, somos barrados do nosso verdadeiro desejo e com isso passamos a buscar no cotidiano formas de contornar o vazio que ‘já nasceu’ condenado a não encontrar satisfação. Nas palavras de Freud:

O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. (FREUD, 1996, p. 84)

Em Freud, o mal-estar é a impossibilidade de plenitude ou felicidade do sujeito inserido na civilidade. Nesse sentido, é interessante observar que apesar disso o homem está sempre mobilizado na busca da satisfação. Podemos então compreender a decisão de vir a ser um profissional da educação como um investimento imaginário ou uma promessa de felicidade, uma forma de estabelecer um lugar e ser reconhecido nas exigências civilizatórias. Assim, sob o ponto de vista freudiano, o sentimento de infelicidade é muito mais presente na vida humana do que o de felicidade. O autor já mencionado pensa o sofrimento humano através de três dimensões ligadas. Assim ele explica:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (FREUD, 1996, p.85)

Tematizar as consequências do mal-estar docente implica refletir sobre o processo/investimento que sujeito percorre até assumir a posição almejada. Assim, outro pensador importante sobre o tema é Mario Osorio Marques. Em sua obra “A Formação do Profissional da Educação (1992), o autor reflete sobre os desafios da formação e prática dos professores, uma vez que os problemas que assombram os docentes em seu exercício são sempre constantes.

O ponto inicial para refletir sobre a especificidade do trabalho docente se refere à noção de educação. É a educação que forma cidadãos e alimenta o fazer docente. Para Marques, a educação constitui “fenômeno primordial e básico da vida humana, congênere e contemporâneo da própria vida em todas as suas fases e situações” (2006, p.59). Assim, a educação em sua forma bruta diz respeito ao ato de educar mais cotidianamente, responsabilidade essa normalmente atribuída à família. Nas palavras de Kupfer, “é na medida em que propicia a sublimação, como já se disse, que a educação tem, para Freud, um papel importante” (1997, p. 44). Ou seja, podemos pensar a ação de educar como reguladora dos homens. Dessa forma, a evidência da importância educacional na vida humana é a criação das escolas e o trabalho insubstituível dos educadores.

Assim, compreendemos a escola pela sua totalidade. É função da instituição escolar, através do professor que lhe gera vida, organizar a educação espalhada na civilidade e assim transmitir de

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

maneira sistemática e intencional o que temos de melhor em ciências, normas, conhecimento, cultura, valores e ética. Para Marques, a escola não é um lugar meramente reprodutivo, mas “um lugar, tempo e recurso destinado às aprendizagens em interação dialógica dos nela inseridos com o Outro socialmente qualificado, para compartilharem do entendimento, da organização da condução dos processos formais do aprender e ensinar” (1995, p. 87). Dessa forma, é tarefa da formação formal não conceder somente o diploma e o direito legal do exercício, mas oportunizar o desenvolvimento de sujeitos-educadores que virão a se tornar profissionais responsáveis pela educação organizada. O autor pensa a formação como “ruptura com o imediato e natural, suspensão das posturas e comportamentos de rotina, para o ascenso à generalidade determinante das particularidades em que ocorre o existir a elas atento” (MARQUES, 2003, p. 41). Para o autor, ocupar o lugar de profissional da educação implica o rompimento com as metodologias banais e das práticas intuitivas, autoritárias e até mesmo corriqueiras.

A problemática da formação formal para a docência se dá justamente no exercício da profissão, isto é, na sala de aula. Nesse espaço, o sujeito-professor se defronta com aquilo que podemos chamar de ‘preciosidade humana’, isto é, a pluralidade e singularidade dos seres humanos, diferentes interpretações, novas aprendizagens, diálogos, trocas e reconhecimento, mas também se depara com a realidade: alunos desinteressados, planejamentos fracassados, resistência, burocracias e desvalorização. É por esse viés que o professor transforma o seu mal-estar em queixa. Assim, defendemos que toda manifestação queixosa é legítima.

É a partir desse dilema entre o amor e ódio que podemos atribuir o mal-estar como uma força bastante singular em cada sujeito-docente. Para alguns, a consequência do sofrimento no cotidiano da profissão é tão devastadora que o corpo e o sistema psíquico adoecem. Para outros, a queixa gera um determinado gozo que é o resultado da posição altamente narcísica do profissional. Nesse caso, o profissional se torna prisioneiro da repetição, não abandona o ofício, mas abandona o processo de novas aprendizagens, isto é, a formação continuada.

Há também aqueles em que o mal-estar, apesar de tudo, convoca o profissional a dar continuidade a sua formação e a se reconstruir como sujeito-docente. Marques (2006) defende a ideia de que a formação profissional de qualquer sujeito é configurada pela sua continuidade, como uma construção inacabável. Desse modo, o autor consagra a experiência em sala de aula e o espaço escolar como o espaço de excelência para o aperfeiçoamento docente e de novas aprendizagens não apenas para os alunos, mas principalmente para os responsáveis pelo ato de transmitir conhecimentos. Em suma, é no exercício da sala de aula e do convívio na coletividade dos educadores que o profissional da educação pode dar significação ao seu mal-estar, uma vez que o mal-estar não para o sujeito, mas o coloca na constante busca pelo aperfeiçoamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os efeitos do descontentamento dos profissionais da educação são sempre da ordem singular, na medida em que podem se apresentar de forma devastadora ou como uma força que move. Diante dessa complexidade, apostamos que o desempenho de qualquer sujeito está diretamente ligado à condição psíquica de mal-estar. Sabemos que a profissão de educador é antiga e ao longo das épocas foi se modificando conforme as demandas do tempo. A própria maneira de educar se modifica conforme o tempo, assim como a manifestação da dor. Mesmo assim, defendemos que todo mal-estar é legítimo, uma vez que para a psicanálise nenhum humano pode controlar sua existência.

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Assim, enalteçamos e invejamos aqueles que movidos pelo desejo conseguem extrair a melhor versão de si, que se permitem aprender e desaprender, construir e se reconstruir com os desafios postos no cotidiano e, assim, possibilitam uma educação transformadora. Marques resume muito bem o que queremos expressar: “é a paixão do homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias, o autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-lhe o imenso privilégio de acreditar em si” (MARQUES, 1995, p.123).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor José Pedro Boufleuer, pela oportunidade e ensinamento. E à Unijuí pelo investimento na bolsa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização (1927-1931). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPPER, Maria Cristina. Freud e a Educação. O Mestre do Impossível. São Paulo: Ed. Scipione. 3.Ed. 1997.

MARQUES, Mario Osorio. Pedagogia; a ciência do educador. 3. Ed. Ver. – Ijuí; Ed. Unijuí, 2006.

\_\_\_\_\_. A Formação do Profissional da Educação. 4. ed.- Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. – 240 p.

\_\_\_\_\_. A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência. Ijuí: Ed. Unijuí, 1995. – 139 p.